

## A QUALIDADE SOCIAL COMO CONTRAPOSIÇÃO À QUALIDADE TOTAL: reflexões de Pablo Gentili

Pablo Gentili, professor da Universidade Federal Fluminense, vem desenvolvendo uma reflexão crítica a respeito da qualidade no âmbito da educação escolar. Esteve em Natal, em junho de 1997, participando de um Seminário ocasião em que conversou com os professores Antônio Cabral Neto, Maria Doninha de Almeida e Marta Maria de Araújo resumindo, para a Revista Educação em Questão, aspectos relevantes de sua análise sobre a qualidade social em contraposição à Qualidade Total<sup>1</sup>.

**Educação em Questão** – Que resumo você faz sobre a sua (jovem) trajetória acadêmica na área educacional?

**Pablo Gentili** – A minha formação sempre foi na área da educação - Ciências da Educação. O mestrado em educação e o doutorado, que estou defendendo tese agora na Argentina, são também na área de educação. No doutorado estou desenvolvendo um projeto sobre a política educacional e o neoliberalismo (Na Argentina o sistema de doutorado é totalmente diferente do Brasil. É um sistema baseado principalmente na pesquisa e no desenvolvimento do trabalho de pesquisa de longo prazo. Não tem um sistema regular de cursos). Trabalho em pesquisa educacional desde 1984 quando ainda era estudante de Ciências da Educação na Argentina, o que corresponde ao Curso de Pedagogia no Brasil. Essa experiência teve um importante papel para mim porque se tratava de um estudo, feito pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais de Buenos Aires, sobre a estrutura do *Sistema Educacional da Argentina*. Dessa pesquisa derivou-se uma série de outras, desenvolvidas em 1985 e 1986 nas quais atuei como assistente. Depois dei assistência a uma outra pesquisa sobre o *Sindicato de Educação na Argentina*. A partir de

1986 assumi a responsabilidade de uma parte de um estudo sobre *Empresários da Educação na Argentina*, com duração de três anos. O referido estudo procurava conhecer as demandas, as exigências, os programas e as propostas de educação desenvolvidos pelos principais grupos empresariais da Argentina. Foi um trabalho feito essencialmente num aporte clássico da economia política crítica da educação e situado no pensamento pedagógico crítico latino-americano de autores brasileiros que, naquele momento, começavam a fornecer subsídios teóricos para a análise da problemática empírica com a qual estávamos trabalhando. Entre esses aportes estavam os estudos de Gaudêncio Frigotto, Miguel Arroyo, Acácia Kuenzer, autores da área de educação e trabalho. A partir daí, começou o meu contato com o Brasil. A possibilidade de intercâmbios e de viagens para congressos no Brasil permitiu-me estabelecer contatos acadêmicos com Gaudêncio Frigotto. Uma vez concluída a pesquisa sobre *Empresários da Educação na Argentina*, compilada no livro chamado *O Poder Econômico, Ideologia e Educação Pública na Argentina*, surgiu a possibilidade de uma Bolsa de Intercâmbio Acadêmico com o Governo Alemão para a América Latina, o que me permitiu a realização de um estágio, passando um tempo como pesquisador convidado na Universidade Federal Fluminense. Naquele momento eu me iniciava no estudo sobre a questão das políticas educacionais na América Latina, projeto pelo qual consegui a bolsa de pesquisador convidado. Quando saí da Argentina, no início de 1992, estava saindo também do campo da economia política da educação e começando a debater as políticas neoliberais em educação, assunto que no Brasil, naquela época, parecia incipiente. Enquanto no Chile a política neoliberal se desenvolvia há mais de uma década e na Argentina tal política já estava sendo implantada de forma decidida e muito clara, no Brasil parecia-me incipiente. Chegando aqui no Brasil começamos a discussão sobre essa temática, porém, na minha orientação naquele instante, prevalecia o aporte econômico sobre a política. Por isso, em um dos temas, dentre aqueles que comecei a trabalhar aqui, inclusive intercambiando idéias com professores e produzindo textos conjuntamente, predominava a perspectiva econômica das políticas educacionais

do neoliberalismo. Foi naquele momento que surgiu a discussão a respeito da Qualidade Total em educação. No livro que organizei junto com o professor Tomás Tadeu da Silva, sobre o neoliberalismo e a Qualidade Total, recuperei elementos apreendidos da questão mais especificamente empresarial na educação, trabalhando na linha de recuperação do discurso tecnocrático empresarial positivista aplicado à educação.

**Educação em Questão** – Diante da riqueza dessa sua experiência, como você define a linha teórica com a qual trabalha atualmente?

**Pablo Gentili** – Minha linha teórica? Não sei se tenho uma linha teórica, não sou tão pretensioso. Aproveito referências teóricas de diferentes autores. Poderia dizer que é uma perspectiva marxista que não pretende ser dogmática. Reconheço que o marxismo tem muitas coisas a dizer sobre muitas coisas. Mas, é preciso ter clareza de que o marxismo não tem, por enquanto, desenvolvido respostas para todos os temas. O que quer dizer que um bom analista crítico deve conhecer autores das tradições marxistas e também autores de outras tradições teóricas que podem contribuir para uma análise mais dinâmica, mais flexível, mais criativa da realidade social. Sobretudo, porque no campo especificamente educacional não é a mesma coisa que no campo da filosofia política, da sociologia. No campo especificamente educacional, depois do grande debate teórico entre as chamadas perspectivas reprodutivistas e até as perspectivas (des)colaricistas, a teoria crítica em educação ficou parada, ou seja, ficou na crítica mas não conseguiu dar a volta, avançar e aprofundar. Na minha opinião a reconstrução desse campo teórico crítico dentro da educação pressupõe recuperar a tradição teórica do marxismo mas, também, acrescentar outros autores, não necessariamente marxistas, mas, que podem ajudar a compor esse conjunto de ferramentas teóricas e intelectuais necessário à compreensão crítica de uma realidade que tem elementos novos e que não reproduz necessariamente os mesmos elementos de 15 ou 20 anos atrás. Estamos enfrentando uma mudança substantiva nas políticas educacionais, nas práticas pedagógicas, na organização dos sistemas educacionais. Pode ser que as

conseqüências de todas essas mudanças sejam muito antigas na medida em que reproduzem uma estrutura desigual, dualizada, segmentada dos sistemas educacionais. No entanto, elementos novos estão aparecendo nessa dualização. Por isso, acredito que uma diversidade teórico-crítica pode ser um bom caminho para as análises que temos de efetivar.

**Educação em Questão** – Você afirma que a verticalização do conhecimento não ocorre com o estudo de uma única perspectiva teórica. Mas, dentre os autores da tradição marxista na educação você pode lembrar alguns?

**Pablo Gentili** – Por exemplo, acho que a teoria crítica da escola de Frankfurt é fundamental. Também autores como Pierre Bourdieu. Eu não estou pensando em um autor específico. Tem pesquisadores que trabalham a vida toda com Bourdieu. Tratam muito mais Bourdieu como um intelectual crítico de esquerda, sofisticando as suas análises. Adorno, Walter Benjamin podem ser lembrados. Norberto Bobbio, que é um liberal mas que certamente trouxe uma grande contribuição à filosofia política e à teoria do direito. Lembro também autores da tradição cultural como Michel Foucault, autores do pós-modernismo críticos da teoria feminista. Enfim, acho que se uma coisa é característica da teoria crítica feliz ou infelizmente é que ela não tem paternidade muito definida. Em certo sentido é ruim porque isso nos obriga a construir marcos teóricos com seus respectivos aportes. Mas, em outro sentido é bom porque, pelo menos, não esvazia o nosso trabalho crítico. Essa pretensão de ser rigoroso com nossos referenciais teóricos, não pretendendo violar a palavra sagrada de tal ou qual texto, tem sido muito ruim para o pensamento crítico porque deu origem a um certo dogmatismo. Ou seja, acabou caindo em um processo que contradiz o trabalho crítico, procurando ver como a realidade coincide com o texto teórico. É uma pretensão prejudicial por tentar encaixar a realidade na teoria. O que estou defendendo é uma análise mais flexível sem ser um ecletismo teórico, um relativismo teórico. Michel Foucault tem formulado uma concepção muito sofisticada, complexa e provocativa de análise sobre as

relações de poder de controle e de dominação. Bourdieu e os sociólogos werberianos têm também as suas contribuições. Lembro, ainda, o que tem sido feito, por exemplo, por autores liberais anglo-saxões, no campo da filosofia política comunitarista que pode contribuir para uma análise teórica dentro daquilo que ainda se reconheça no campo do marxismo. Eu acho que se analisarmos autores que têm dado contribuições mais importantes no campo teórico na América Latina dentro das Ciências Sociais podemos reconhecer que o caminho é esse. Ou seja, não é uma idéia que eu estou propondo é o que dá para perceber nas contribuições dos grandes intelectuais críticos.

**Educação em Questão** – Essa última situação pode ser diagnosticada como uma tendência característica deste momento histórico?

**Pablo Gentili** – Eu acho que sim.

**Educação em Questão** – Quando muitos educadores brasileiros começaram a estudar o marxismo eram chamados de educadores progressistas. Naquela época, principalmente na década de oitenta no Brasil, muitos eram marxistas segundo diferentes correntes, inclusive aquelas que não se enquadram nessa perspectiva - Durkheim, Comte, e outros com posturas próprias do positivismo -, o que favoreceu a vulgarização do marxismo. Hoje, a abertura do conhecimento pode gerar duas possibilidades. Por um lado cria a obrigatoriedade de sua ampliação e de seu aprofundamento quando se pretende desenvolver uma análise crítica mais próxima da realidade. Trata-se do aprofundamento do conhecimento na busca de uma perspectiva que possa ser classificada como a mais lógica, neste momento. Por outro lado pode, ao mesmo tempo, propiciar um ecletismo sem lógica provocado pela falta de aprofundamento, gerando um outro tipo de vulgarização. Você enxerga essa possibilidade na área da educação?

**Pablo Gentili** – Eu diria que todo momento é bom para abrir o campo do conhecimento. E, nesse momento particular, isso é fundamental porque acredito que estão acontecendo mudanças substantivas na forma de

pensar, de agir, de produzir educação em nossos países. Repito, não quero dizer o que muitas pessoas dizem, mas continua o fanatismo, a discriminação, claro que sim. Mas hoje está se produzindo uma nova forma para aprofundar essa dualização educacional; novos discursos estão surgindo, inclusive para legitimar a desigualdade, esta se recriando, ou ressuscitando, antigos discursos mas com uma nova roupagem, com uma nova terminologia. Por exemplo, no campo educacional nos Estados Unidos o discurso racista atualmente é plenamente vigente. O argumento racista no campo educacional é tão antigo quanto a história do capitalismo. Não há justificção escravocrata do racismo, sempre que existir capitalismo existirão racistas dispostos a justificar, a legitimar, ou tentar legitimar, a inferioridade racial dos negros em relação aos brancos. Hoje, nos Estados Unidos o argumento racista está sendo produzido com novas ferramentas conceituais. Isso não quer dizer que o argumento racista é novo, o argumento racista é muito antigo, mas a forma pela qual se produz o discurso racista é nova e mais sofisticada. Se, por exemplo, olharmos o livro *A curva dos sinos* - ainda não traduzido para o português - seus autores, de alguma forma, apresentam e sintetizam esse argumento. Eles defendem o argumento neoracista com duzentas páginas de citações bibliográficas, justificam esse argumento com 250 páginas de apêndice estatístico destinadas a mostrar a suposta inferioridade racial dos negros. É considerado uma referência fundamental para a elaboração de políticas públicas por conta da clareza demonstrada. A incapacidade genética da população negra para funcionar com competência no mercado de trabalho, no mercado educacional, está, de alguma forma, indicando uma redução do investimento público destinado tanto à população negra quanto aos latinos nos Estados Unidos. Devemos naturalmente continuar discutindo e criticando tal argumentação racista, devemos também entender como esse discurso se constrói com uma certa racionalidade social e em função disso ganha legitimidade.

**Educação em Questão** – Os novos elementos da própria genética, por exemplo, dão fundamentos para legitimar esse discurso e esses argumentos racistas. O Jornal Folha de São Paulo fez um comentário a esse respeito.

**Pablo Gentili** – Claro. Volta, por exemplo, a análise do Q.I. Isso é muito criticado, nós sabemos disso, só que eles também sabem disso, ou seja, o livro tem 800 e tantas páginas, quase 900, não são idiotas, são racistas, são filhas da mãe. Estão construindo uma nova forma de entender o racismo. Com nossas estratégias analíticas não podemos articular esses argumentos, podemos articulá-los num nível macro perdendo, no entanto, a qualidade e a riqueza analítica. Por isso, devemos desenvolver e aprofundar muito mais as nossas análises. Estamos falando do racismo mas poderíamos estar falando de muitas outras coisas, até mesmo do capital humano. Quando o Gaudêncio Frigotto publicou *A produtividade da escola improdutiva*, acho que concluiu uma parte desse debate. A pergunta crítica é: qual é a produtividade dessa escola improdutiva? Como a teoria do capital humano constrói a sua racionalidade? Muitos autores, nesse momento, fizeram bons trabalhos de crítica à teoria do capital humano. Só que a teoria do capital humano continua se reproduzindo. Mudaram o seu discurso, porém a sua argumentação continua sendo a mesma: a educação é capital humano, investimento em capital humano, investimento em dignidade social, é ela que possibilita o desenvolvimento econômico. Enfim, a teoria do capital humano é nova não porque diz coisas novas, mas porque se estrutura de forma nova. Os teóricos do capital humano sabem de nossos argumentos o que torna mais difícil discutir alguns dos seus argumentos porque os teóricos do capital humano incorporaram a nossa crítica. E, se continuarmos repetindo as nossas críticas dizendo que o capitalismo está na etapa do imperialismo, o neoliberalismo é o imperialismo e a teoria do capital humano é o imperialismo; tudo acaba sendo a etapa final do imperialismo capitalista. Isso pode deixar muito tranqüila a nossa consciência mas não diz nada do campo intelectual crítico e social que precisa de intelectuais que tenham capacidade de ser um pouco mais sofisticados, criativos e, em conseqüência, possam fazer um bom aporte de conhecimento, pelo menos não tanto repetitivo.

**Educação em Questão** – Na sua opinião, qual a forma que a extensão da teoria do capital humano assume no campo específico da educação institucionalizada neste momento?

**Pablo Gentili** – Sem dúvida que toma uma nova forma, mas isso implica numa reformulação da própria teoria educacional crítica. Não estou querendo dizer que isso não é feito, isto está sendo feito por alguns intelectuais aqui no Brasil, de uma forma até pioneira se comparada com outros países da América Latina. Acho que depende muito de nossa capacidade e não de ecletismo, porque o ecletismo e essa atitude são basicamente diferentes, porque o ecletismo perde a coerência interna, ou seja, é uma coisa misturada como um quebra cabeça que tem coisas diferentes, é uma mistura, faz uma salada teórica. No entanto, uma coisa é essa situação e outra é a de procurar saber de que forma construir uma nova racionalidade crítica com aportes diversos, novos, recuperando aportes não muito novos. Eu acho que hoje, mais do que nunca, por exemplo, Antônio Gramsci deve ser discutido porque ajuda a recuperarmos muitas de suas análises que tinham validade no passado, mas que esquecíamos alguns detalhes. Como continuar pensando que uma matriz teórica de 20 anos atrás recupera coisas que são fundamentais hoje e esquecendo outras que são mais fundamentais, como as elaboradas pelo próprio Gramsci?

**Educação em Questão** – Você vem criticando a ética da Qualidade Total e discutindo a ética da qualidade social. Você pode recompor um pouco a discussão sobre essa temática?

**Pablo Gentili** – Claro, porque uma das coisas que tentamos, pelo menos fazer referência, estou falando no plural porque não é uma coisa minha. Colegas como Gaudêncio Frigotto, Tomás Tadeu da Silva, Miguel Arroyo também desenvolveram estudos sobre essa questão que somente agora se apresenta com muita ênfase. A necessidade de pensar numa reestruturação educacional proposta pelo neoliberalismo tem vários componentes importantes. Por um lado ocorrem mudanças nas características do contexto geral, nas estruturas dos sistemas educacionais, na dinâmica da política educacional, no marco institucional jurídico da educação. Mas, por outro lado, a reforma neoliberal está tendo um enorme impacto cultural na educação, um enorme impacto na reestruturação na forma de pensar da educação, ou seja, não apenas está mudando



a escola, está mudando a lei. Na América Latina, a Argentina, por exemplo, mudou sua estrutura educacional, mudou 120 e tantos anos de história da organização do sistema educacional, mudou a escola do primeiro grau. Já não se chama mais primário. O segundo grau não se chama mais segundo grau, a duração da escola mudou, a denominação das disciplinas mudou, mas aconteceu uma coisa muito mais grave do que isso, também está mudando a forma de entender a própria educação, os valores que estão envolvidos nas práticas educacionais, o que poderíamos dizer: mudou a ética que sustentava o nosso sistema. Hoje, o que está em jogo é uma luta pela reforma institucional, ou seja, uma luta, uma resistência, uma batalha institucional, batalha na qual estão ganhando os neoliberais. Mas, é também uma luta cultural que tem uma conexão direta com questões éticas ou filosóficas no sentido gramsciano. Está em jogo também uma missão sobre a educação, mas o neoliberalismo está conseguindo impor, além de uma mudança institucional profunda, uma nova lição sobre como funciona a educação, para que serve a educação, qual é a racionalidade que justifica determinado ensino. É aí que aparece a questão da ética quando discutimos a Qualidade Total. Na minha opinião, devemos discutir quais são as estratégias institucionais de aplicação do programa de Qualidade Total, como a Qualidade Total aparece em determinado contexto produzindo mudança institucional que tem um impacto direto nas práticas pedagógicas, na própria estruturação política do sistema educacional.

**Educação em Questão** – A questão do novo modelo de gestão surge no âmbito dessa discussão da Qualidade Total?

**Pablo Gentili** – Claro. Aí aparece a questão da gestão, a questão da avaliação dos sistemas para os quais a Qualidade Total está diretamente vinculada. A organização institucional mexe com a estrutura mas a Qualidade Total está mexendo também com uma concepção específica de educação. Já disseram que ela tem uma ética sobre a qual se sustenta e que é coerente com essa mudança institucional. Por isso, é importante trabalhar um pouco alguns elementos que não são específicos da Qualidade Total, porque ela não é uma

teoria. A Qualidade Total é uma proposta que se insere num campo doutrinário muito mais amplo.

**Educação em Questão** – Mas, a implementação da Qualidade Total inclui técnicas próprias?

**Pablo Gentili** – Sim, mas elas também têm uma vantagem ligada à filosofia política que apóia a Qualidade Total e essa filosofia não é da qualidade social como falam os seus defensores, mas é dominante. Se eu quero desenvolver um programa de Qualidade Total tenho como aliada a própria ideologia que hoje está se introduzindo na nossa escola por diferentes campos ou a partir de diferentes campos. Quer dizer, a filosofia política da Qualidade Total é ou se insere no campo doutrinário mais amplo do neoliberalismo e de uma concepção neoliberal sobre a educação. Então, de uma maneira muito mais tranqüila, eu posso dignificar a Qualidade Total, transformá-la em um problema apenas técnico-instrumental. É apenas a aplicação de certas técnicas tiradas do mundo empresarial e transferidas para o campo educacional, só que essa é a maneira neoliberal. Por quê? Porque elas têm como apoio teórico a ideologia dominante, o censo comum. Sendo assim, não seria necessário se fazer todo esse trabalho. Se hoje nós tivéssemos a pretensão e a possibilidade de mudarmos alguma coisa sobre escola precisaríamos de técnicas instrumentais, de práticas de mudança institucional e, também, destinação ideológica dessas mudanças. Porque qualquer mudança democrática com embasamento do neoliberalismo está condenada a fracassar. Nós precisaríamos, então, desse trabalho de grupo, por isso que a ética da Qualidade Total se nutre, se alimenta, da concepção dominante que hoje está penetrando na instituição educacional e constrói o censo comum através do professor, da professora.

**Educação em Questão** – Podemos dizer que existe uma pedagogia da Qualidade Total hegemônica na América Latina?

**Pablo Gentili** – Se falássemos de uma Pedagogia da Qualidade Total seria um pouco mais, no entanto falamos sobre uma pedagogia neoliberal

e essa é dominante sim, sem dúvida. Mas sobre a hegemonia da idéia de Qualidade Total na América Latina eu diria: mais ou menos. Em alguns países há proposta específica da Qualidade Total, em alguns teve um impacto maior do que em outros. No Brasil, por exemplo, a proposta de Qualidade Total teve um desenvolvimento fantástico, porque a transformaram no eixo fundamental da política da reforma educacional pública de alguns governos.

**Educação em Questão** – Como vem se configurando a relação público/privado na questão da qualidade Total?

**Pablo Gentili** – Sempre com participação privada, porque até a proposta pública de Minas Gerais é mais privada do que pública.

**Educação em Questão** – Você conhece a proposta do Paraná? A reforma educacional do Paraná parece um pouco mais ousada.

**Pablo Gentili** – Esse fato é interessante porque revela duas coisas. Por um lado a especificidade da Qualidade Total por outro o fato de a Qualidade Total ser subsidiária de uma concepção mais ampla de educação. Então, por um lado a concepção mais ampla diz que a crise educacional contemporânea decorre de um mal funcionamento, de um funcionamento ruim do sistema educacional como um mercado. O que tem acontecido é que o sistema educacional não tem se configurado como mercado educacional. O mercado que funciona com a lei da competição e que deve responder a sua demanda de forma eficiente, eficaz, produtiva, etc., ou seja, de qualidade. O sistema educacional deve interferir no seu funcionamento de mercado, diz o diagnóstico. Desse diagnóstico se deriva o entendimento de que a instituição educacional deve ser pensada como uma empresa produtiva, que tem que produzir, e que tem que produzir em função de uma demanda específica, uma demanda de educação que formula clientes reais ou potenciais. Um diagnóstico mais amplo nos permite entender como a Qualidade Total aparece com uma concepção produtivista, como se o problema da educação fosse apenas sua baixa qualidade porque ela não funciona como mercado e, portanto, como

não está se desenvolvendo como uma instituição produtiva devemos lançar mão das estratégias de controle de qualidade e da reforma institucional do campo empresarial, estratégias essas que funcionaram muito bem nas empresas e que, por isso, podem ter sucesso também na área especificamente educacional. A Qualidade Total chega à escola como conseqüência, não como causa de nada, ou seja, ela é a conseqüência “natural” do raciocínio: se a escola funcionar como instituição produtiva então ela deve ser reestruturada e avaliada como as instituições produtivas que deram certo no mercado competitivo e que são avaliadas e reestruturadas.

**Educação em Questão** – Neste contexto, como se apresenta a questão do planejamento educacional?

**Pablo Gentili** – Bom, o planejamento como planejamento global do sistema poderíamos dizer que nessa concepção não se apresenta como planejamento educacional como se entendia. Agora, muda-se a concepção de planejamento na medida que se começa a reconhecer a necessidade de se reestruturar a instituição educacional, a partir da imposição de certos critérios produtivos no interior da escola. Então, a escola precisa planejar, pensar e definir de uma forma estritamente empresarial e como produtora de um serviço específico. Um banco produz um serviço específico, uma escola produz também um serviço específico. Podemos dizer que se produz uma mercadoria específica, o conhecimento que os alunos consomem na escola, só que o consumo desse conhecimento, à medida que se torna um processo de consumo é variável, como são variáveis a forma de consumo que os indivíduos têm no mercado.

**Educação em Questão** – Com essa situação, o planejamento ganha alguma importância? Retoma alguma importância?

**Pablo Gentili** – Sim, só agora há diferença desse planejamento global em relação a um planejamento parcial.

**Educação em Questão** – Mais localizado?

**Pablo Gentili** – Sim, mais localizado, claro. Mais localizado, porque se a instituição educacional deve funcionar como uma empresa o sistema educacional deve ser como o mercado.

**Educação em Questão** – As reformas do ensino no País, neste momento, têm todos os fundamentos da Qualidade Total, inclusive a reforma na rede estadual de ensino no Estado do Rio Grande do Norte se espelha nessa concepção. Na idéia de descentralizar a unidade escolar o planejamento não é mais responsabilidade da Secretaria de Educação e sim uma obrigação da unidade escolar. Ela deve produzir, de forma “autônoma”, o seu planejamento pedagógico. Como você situa esse aspecto na questão da qualidade social?

**Pablo Gentili** – Essa questão do micro é fundamental porque tem a ver com a concepção institucional que está por trás da Qualidade Total na educação. É a idéia da educação como instituição produtiva a partir da demanda, conforme já comentamos. Em função da demanda, o planejamento deve ser micro e estabelecido a partir do contato direto com o consumidor da educação. Essa concepção admite apenas o consumidor autônomo, individual, racional, maximizador de seus benefícios e capaz de reformular a instituição naquilo que ele deseja. É a instituição, por sua vez, deve se adaptar para responder a essas necessidades. Por que o planejamento centralizado está impedido de fazer isso? Porque o planejamento centralizado não pode consultar todo mundo, não pode fazer isso, só pode ouvir apenas alguns. Nesse ponto temos um problema: esse discurso pode parecer mais democrático do que o nosso. O que tem de errado em ouvir o consumidor? É por isso que dizemos tem coisas novas. Antes estávamos discutindo dois tipos de planejamento: um com características centralizadas e outro com elementos descentralizados. Mas agora, estamos assumindo um lugar para dirigir o planejamento descentralizado. A crítica a essa estratégia pode parecer uma atitude ditatorial, pode parecer que queremos impor aos indivíduos modelos com formas autoritárias, enquanto que o neoliberalismo recupera a gestão democrática, a participação no setor de qualidade, a autonomia, a descentralização. Mas, enfim, essa descentralização

tem a ver com a concepção institucional, filosófica e política a partir da qual uma instituição funciona de forma produtiva quando ela é pensada em função do requerimento e da demanda que pode formular aquilo que consumirá, aquilo que a instituição produz. A idéia de planejamento micro está vinculada à questão de poder reconhecer a especificidade e a particularidade diferenciada do consumo, no caso do consumo educacional.

**Educação em Questão** – Você acha possível, este contexto neoliberal, uma permuta da Qualidade Total por uma qualidade social na educação que considere os princípios éticos e filosóficos dessa pedagogia?

**Pablo Gentili** – Eu não tenho muita esperança de recuperar algo bom do neoliberalismo, porque até certos pedagogos, agora um pouco arrependidos do passado, estão dizendo: bom mas temos que reconhecer que as coisas são boas, que as coisas são verdadeiras. Não tem nada de bom numa proposta que se baseia na marginalidade, na desigualdade. É claro que se eu fizer uma autópsia no neoliberalismo e for tirando diferentes pedaços, posso ficar, assim, com um pedacinho, um pedacinho considerado bom, isso é verdade, só que isso é contra certos princípios elementares da análise crítica que vê a realidade. O neoliberalismo não é um conjunto de fragmentos que se unifica na totalidade, é a totalidade que transforma a proposta neoliberal. Então, eu diria que a proposta crítica da educação se constrói tentando quebrar a lógica neoliberal, apesar do contexto.

**Educação em Questão** – A qualidade social seria uma contraposição à Qualidade Total?

**Pablo Gentili** – Claro. Eu entendo a qualidade social como um espaço de confronto, até inacabado. Podemos reconhecer, que qualidade social é muito mais do que o nosso campo de batalha, ou seja, um campo no qual nos situamos. A qualidade social, com uma proposta democrática na educação, não pode ser construída redefinindo o conteúdo interno do neoliberalismo e humanizando a Qualidade Total. É uma questão de confronto,

podemos ganhar ou perder, por enquanto. A verdade é que estamos perdendo, isso é a realidade. Não quer dizer, contudo, que vamos perder a vida toda, mas por enquanto estamos numa situação de desvantagem.

**Educação em Questão** – A desconstrução dessa Qualidade Total é muito complicada para a construção de uma outra forma?

**Pablo Gentili** – Sim, mas essa desconstrução é fundamental para que se possa criar outra forma. Vamos desarmar para, sobre os escombros dessa Qualidade Total, construir uma coisa totalmente diferente. Nesse ponto é fundamental reconhecer que a qualidade social deve também operar em dupla dimensão: uma dimensão mais valorativa, mais filosófica, por assim dizer, e outra mais institucional. Assim como reconhecemos que a Qualidade Total se fundamenta em uma ideologia ligada à concepção empresarial da educação, que não se esgota numa reforma institucional produtivista, não podemos desconhecer que a qualidade social também deve se fundamentar numa filosofia e numa proposta. Não devemos pensar que apenas a nossa crítica filosófica é bastante para resolver o problema. Precisamos dar uma resposta prática e não seguir a tendência de alguns setores críticos, isto é, fazer a crítica ideológica mas aplicar a mesma proposta prática. O que é ruim é a concepção e os seus princípios e não a tecnologia institucional. O que é ruim é a tecnologia institucional da Qualidade Total vista como se fosse inocente em relação aos seus efeitos. Nós estamos diante de uma questão muito mais complexa: os princípios e a tecnologia da Qualidade Total são ruins o que significa que ela tem que oferecer um novo discurso, uma nova racionalidade, uma nova prática.

**Educação em Questão** – É necessário a existência de um espaço institucional para que o discurso da Qualidade Total seja idealizado. Isso também é uma exigência para que esse discurso seja superado?

**Pablo Gentili** – Sim, precisa de uma receita no bom sentido da palavra, de uma receita institucional que difere de uma proposta institucional. Por exemplo, nós podemos reconhecer que a qualidade é uma coisa que pode

ser avaliada e isso é desejado sim, mas o que devemos definir é qual a qualidade que desejamos avaliar e como fazer isso. Sabemos que a forma neoliberal de avaliar a qualidade é ruim, mas qual é a forma que imaginamos a partir da qual deveríamos avaliar a qualidade de nossas escolas? A forma alternativa é um problema filosófico, teórico, ideológico, político e também prático, institucional, concreto. Para o neoliberalismo, a questão é hierarquizar o sistema educacional segundo certo critério produtivista para aplicar uma lógica meritocrática e de competição interna do sistema. Não estamos contra isso, tudo bem, mas como avaliaríamos as instituições educacionais? Se amanhã temos a sorte ou a desgraça de poder determinar o futuro da política educacional do nosso País, como e de que forma seriam avaliadas as escolas? Ou não pensamos em avaliar a qualidade? Precisamos discutir essa questão. O provão como uma forma de avaliar nossas universidades é extremamente ruim. Diante desse fato, nós, como professores universitários, não somos a favor de uma avaliação das nossas instituições de educação superior? Se somos, qual é a forma? Nós costumamos conchamar repetidas vezes que a universidade está conectada com o mundo, com a realidade social, que ela deve responder às necessidades dos oprimidos, isso poderia ser um critério. Em que medida nossas universidades respondem a necessidades sociais concretas? Penso na qualidade social e acho que ela é muito mais do que repetir ideologicamente a Qualidade Total. A qualidade social envolve um pouco essa crítica ideológica, mas também a crítica prática. Eu diria, não sei se para fechar, que certas coisas podemos aprender do neoliberalismo o que não significa aproveitar o conteúdo neoliberal que é outra coisa. Trata-se, sim, de aprender a partir de uma questão que o neoliberalismo tem e que não podemos negar: a ousadia. Os caras são ousados, estão fazendo coisas que 15 anos atrás ninguém teria tido a coragem, nem o economista burguês mais estratégico teria tido coragem de pensar. E estão fazendo mesmo, apesar de ser através de uma forma autoritária. Alguns casos lembram muito a ditadura que vivemos há pouco tempo. Certamente não estou desejando uma ousadia autoritária sob a nossa direção, nada disso, mas se eles têm mesmo uma coisa que a esquerda tinha no passado, e que se



perdeu, é a ousadia de mudar as instituições. Nós estamos num contexto político no qual a direita está arrasando com tudo. Nós acabamos sendo a força social que tenta manter as coisas, para que não acabem com tudo. Eu acho que isso é necessário porque demonstra uma certa sensibilidade da esquerda de não acabar com tudo, não arrasar com tudo, de recuperar pelo menos tradições, história. No entanto, isso também pode ser uma faca de dois gumes porque, diante dessa situação acabaremos: a) defendendo uma escola que nunca defendíamos e que nunca assumimos como nossa, pelo contrário, sempre criticamos; b) defendendo um modelo de Estado que não é nosso, que é um modelo que sempre criticamos e que agora parece que fomos nós que o construímos e nós que o defenderemos até a morte. Acabamos defendendo um modelo econômico que combatemos a vida toda e que agora parece que somos nós os proprietários dele. Enfim, mudar as instituições é uma coisa muito complicada e precisa de muita ousadia.

## NOTA

- <sup>1</sup> Conteúdo reorganizado por Maria Doninha de Almeida e não revisado pelo Autor.